

O QUE (NÃO) SE VÊ ATRÁS DA PORTA

Décio Orlando Soares da Rocha*

Há algum tempo venho procurando fazer a leitura de textos de Deleuze e Guattari, com um objetivo nem sempre muito claro para mim: misto de curiosidade, admiração e... uma boa dose de disposição para acolher o desafio lançado em seus escritos a todos aqueles que, como no meu caso, se dedicam à área da lingüística. Desafio que não posso no momento avaliar senão em extensão bastante limitada, mas cuja pertinência me parece definitivamente incontestável (para citar apenas dois momentos fundamentais da reflexão dos referidos autores sobre a lingüística, penso em *Kafka por uma literatura menor* e 'Postulats de la linguistique', em *Mille plateaux*).

Se acabo de dizer que o objetivo que norteia minha leitura de Deleuze e Guattari nem sempre se baseia em critérios suficientemente explícitos, não pretendo com isto criar a ilusão de estar fazendo uma autocrítica (o que, aliás, não passaria de mero recurso estilístico). Pelo contrário, neste exato momento, acredito que uma leitura feita 'ao acaso', não se tendo qualquer garantia prévia de um retorno pelo esforço despendido, pode, afinal, revelar-se uma estratégia promissora. Digo isto, porque acabo de ler a transcrição do encontro realizado com Guattari na PUC-SP, em 21 de outubro de 1991, editado em *Cadernos de Subjetividade I*(1), texto que me parecia, de início, responder tão-somente ao interesse do profissional de psicanálise, estando o lingüista excluído do referido espaço de discussão. Julgamento precipitado e mesmo preconceituoso, por pressupor que Guattari pudesse (ou quisesse) escolher de antemão a quem se oferecer como intercessor.

O equívoco, porém, não durou mais de alguns minutos, desfazendo-se por completo ao ser explicitada por Suely Rolnik a questão do sintoma, que parecia

*Professor assistente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde leciona Língua Francesa no CAP-UERJ; mestre em Letras (PUC-RJ); doutorando em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas na PUC-SP.

assumir, com Guattari, um novo estatuto. Redefinição geradora de angústias para o psicanalista, para o lingüista e para todos aqueles que não podem se impedir “de ver coisas atrás das coisas” (Guattari, 1993; p. 19). Aliás, “ver coisas atrás das coisas” é uma possibilidade admitida por Guattari, na condição, é claro, de que nos lembremos que “... geralmente, atrás da porta não há nada, ou mais exatamente, temos que partir de uma posição de que pode não haver nada atrás...” (ibid.; p. 19)

A reflexão de Guattari parece referir-se basicamente à natureza daquilo que se procura “atrás da porta”. E, neste sentido, uma coisa é certa: definitivamente, lá não se encontra “a chave do enigma a ser decifrado”, o “elo perdido” que traria à luz um sentido previamente constituído, mantido cautelosamente em segredo, à espera do momento de sua revelação. Retomando Lacan, Guattari adverte que “... o inconsciente é um conceito e não uma coisa, não há um inconsciente atrás das coisas” (ibid.; p. 20). Se é isto o que buscamos atrás da porta, todo esforço será inútil: nada lá se encontra. Ou melhor, se é isto o que buscamos, a única resposta possível é mera redundância: atrás da porta se encontra o sistema interpretativo, causalista, que lá depositamos.

Qual a alternativa oferecida por Guattari? Como proceder diante do sintoma? De uma certa forma, a resposta já se encontra presente na própria questão: diante do sintoma, olhá-lo de frente, a fim de cartografar as ligações que ele estabelece com seu ambiente de ocorrência, os agenciamentos de que participa, as possibilidades heterogenéticas de que é portador. “O sintoma habita um território existencial” (ibid.; p. 20); atrás dele (atrás da porta), o que há “... é nada, é o movimento do nada, é o movimento da caosmose, que faz com que se esteja, ao mesmo tempo, no tudo e no nada, na complexidade e no caos” (ibid.; p. 20).

E quanto ao lingüista, como explicar o estranho sentimento de, a partir de um momento preciso do debate com Guattari, sentir-se ele também um interlocutor em processo? O que (entre)via ele atrás da porta, se é que lá algo havia a ser visto? A única resposta possível a tal indagação parece exigir que se retome inicialmente a lição deixada por Guattari: em geral, nada existe atrás da porta, ou, pelo menos, pode ser que nada exista. Como se percebe, lição cuja sabedoria reside precisamente em não estabelecer julgamentos categóricos de verdade (acerca do que existe ou não), abrindo espaço para que conexões múltiplas e imprevisíveis venham a se efetuar.

A este respeito, uma digressão por Ionesco me parece particularmente conveniente, revelando-se como recurso esclarecedor do que acabo de expor. Refiro-me ao texto de *La cantatrice chauve*, no momento exato em que os personagens discutem acerca de uma questão que nos parecerá, de algum modo, bastante familiar: quando ouvimos a campainha tocar, devemos concluir que há

algue
quire
vez,
mos
'reali
ma x.

ment
que c
ca, é
nunc
ca pr
ningu
um q
dade
porta
da pa
de vi
bém e
de nã
é mot
com c
gação

o que
atrás
modo
neces
jetos
tura
giar e
gem c
suas p
da po
certa
sado
em si
territó
I
posto

alguém à porta ou, ao contrário, que não há ninguém?¹ Tal indagação, que adquire sua expressão mais intensa no universo ficcional de Ionesco, poderia, talvez, ser parafraseada como se segue: com que grau de confiabilidade poderemos estabelecer uma relação entre um sintoma *x* (toque da campainha) e uma 'realidade' *y* (presença/ausência de alguém à porta?) Ou ainda: dado um sintoma *x*, a que 'realidade' (*y*, *z*, *n*, ...) remetê-lo?

Em resposta à questão, as opiniões divergem no espaço cênico, inicialmente ocupado por quatro personagens, polarizando-se em extremos opostos no que concerne à leitura do 'sintoma' apresentado: "sempre que a campainha toca, é porque há alguém"; "quando ouvimos tocar a campainha, é sinal de que nunca há ninguém". Diga-se, aliás, que cada personagem apresentará uma lógica própria para sustentação de seu ponto de vista. O impasse criado ('nunca ninguém', 'sempre alguém') parece resolver-se apenas através da intervenção de um quinto personagem (o Capitão dos Bombeiros) que, admitindo a possibilidade de ambas as posições assumidas, conclui que, quando a campainha da porta toca, às vezes há alguém, às vezes não há ninguém. A solução apresentada para restabelecer a harmonia entre todos é plenamente satisfatória do ponto de vista da lógica que rege o universo de Ionesco. Acredito que Guattari também estivesse disposto a subscrever tal solução: afinal, atrás de um sintoma pode não haver nada. Com uma diferença, talvez: se a contingência dos fatos não é motivo de inquietação para os personagens de Ionesco, o mesmo já não se dá com o paciente e, em especial, com o psicanalista (caso este se imponha a obrigação permanente de desvendar o que se localiza atrás do sintoma).

Concluída a digressão, retomo o projeto anteriormente anunciado, a saber, o que o lingüista é capaz de ver (ou ainda, o que não pode se impedir de ver) atrás da porta. Com Guattari, havíamos percebido que a pergunta era, de certo modo, falaciosa. Ora, se é verdade que pode haver algo atrás da porta (mas não necessariamente) e que este algo, ainda que lá esteja, não é da ordem dos objetos ('o' inconsciente), caracterizando-se, antes, como puro movimento de natureza cósmica, então uma coisa é certa: não há razão alguma para se privilegiar este lugar em especial (o "atrás da porta"), em detrimento de uma abordagem do sintoma que explicitasse não apenas seu caráter reificador, mas também suas possibilidades de heterogênese. Neste sentido, o que conta não é o "atrás da porta", mas todos os espaços nos quais ele for capaz de fazer rizoma; uma certa concepção de sintoma que não remeta à apresentação de uma cena do passado (cena, aliás, que todos nós já conhecemos): abertura para novos devires, em sincronia com as diversas tonalidades que vai adquirindo em função do(s) território(s) que habita, sempre pronto para novas produções.

Nesta perspectiva, dentre as 'metamorfoses' virtuais a que se encontra exposto o sintoma, gostaria de fazer algumas observações sobre o relato apresen-

tado por Guattari acerca de uma de suas atualizações (a que se processa com a participação de um psiquiatra ou um psicanalista que se obriga a “ver coisas atrás da porta”): “E aí vou consultar um psiquiatra ou um psicanalista e, *no seu olhar, algo diz ‘Ah, sim, isto é um problema, é interessante’*. Com isso, já muda o território existencial do sintoma. É interessante que alguém ache interessante meu sintoma, mas até um certo ponto, senão não se sai mais disso, fica-se passando de um subúrbio para outro, *incorpora-se o psicanalista ao sintoma*, atribui-se isto à transferência – em última instância, o que acontece, é que *o sintoma muda de cor*. E daí?” (Guattari, 1993; p. 20)²

Como podemos depreender com alguma facilidade do trecho acima, trata-se da narrativa de um dos possíveis caminhos a serem trilhados pelo sintoma. No caso, um caminho que o aprisiona nas malhas de uma certa verdade que se recusa a mostrar-se de frente, escondendo-se ‘atrás de’. Destino(s) de um ‘sintoma-camaleão’, que ‘muda de cor’ em função dos agenciamentos de que participa.

O que, no entanto, me atrai particularmente no referido relato é a possibilidade de nele localizar um dos momentos mais felizes de explicitação do caráter necessariamente social da enunciação. Em *Mille plateaux*, Deleuze e Guattari (1980; p. 101) enfatizavam que, para que a natureza social da enunciação pudesse estar intrinsecamente fundada, deveríamos ser capazes de mostrar de que modo ela remeteria a agenciamentos coletivos. Eis a crítica que os autores dirigem à lingüística: incapaz de apreender os agenciamentos coletivos de enunciação, a lingüística insiste em subordinar o enunciado a um significante e a enunciação a um sujeito, permanecendo, em nome de uma pretensa cientificidade, ao nível das constantes (fonológicas, morfológicas, sintáticas) (ibid.; p. 104). Mesmo quando incorpora um componente pragmático, considera-se como remetendo exclusivamente a circunstâncias exteriores, deixando de perceber a existência de variáveis de expressão imanentes à língua: “Un type d’énoncé ne peut être évalué qu’en fonction de ses implications pragmatiques, c’est-à-dire, de son rapport avec des présupposés implicites, avec des actes immanents ou des transformations incorporelles qu’il exprime, et qui vont introduire de nouveaux découpages ente les corps” (Deleuze e Guattari, 1980). É o que já encontrávamos em *Kafka por uma literatura menor*: “A enunciação literária mais individual é um caso particular de enunciação coletiva” (Deleuze e Guattari, 1977). Se a lingüística não consegue perceber a ‘comunidade virtual’ que se expressa através da atualização de um enunciador, isto não se deve, com certeza, a qualquer forma de ‘descuido’ ou ‘ingenuidade’: trata-se, na realidade, de uma opção que visa sufocar todo ‘devir menor’ de que as línguas são susceptíveis, “... um caso político, que os lingüistas não conhecem de modo algum, nem querem conhecer – pois, enquanto lingüistas, são ‘apolíticos’ e puros eruditos” (Deleuze e Guattari, 1977).

sur |
cun
lun
Tuc
sup
alt
sib
sunt
lun
alt
Tuc
pur d
sint
alt
Em e
cun
sunt
dicut
vicut
politi
cun
cun
ção c
1981)
Notas
1. Tr
cu
Mi
de
2. Gr
adi

Retomando da entrevista com Guattari o trecho acima destacado, acredito ser possível depreender algumas sutilezas dos agenciamentos coletivos de enunciação. Partindo de “Ah, sim, isto é um problema, é interessante”, percebemos tratar-se de uma suposta manifestação do discurso direto, sendo a fala do ‘psicanalista’ introduzida pelo discurso do ‘paciente’, com bem o justificam as aspas utilizadas. As coisas, porém, não são tão simples como poderiam parecer: através do relato do ‘paciente’, a fala do ‘analista’ se revela em toda a sua densidade. Explico-me: não é através do registro verbal que a fala do ‘analista’ será apreendida pelo ‘paciente’ (é “no seu olhar” que o sentido se constrói, o “olhar” que se faz signo e “violenta” o pensamento – Deleuze, 1987; p. 96); através do olhar-signo, revelam-se processos de subjetivação que atravessam o ‘analista’, no qual ‘algo’ diz que ‘isto’ é um problema. Se o ‘psicanalista’ é capaz de entrever uma região ‘atrás de’ no discurso do paciente (posição ‘atrás do sintoma’), este, por sua vez, também é capaz de denunciar as engrenagens da máquina psicanalítica situadas ‘atrás do analista’, acionando-o em seu discurso. Em outras palavras, imagem que o ‘paciente’ faz da voz que habitam o discurso do “analista”. Ilusão de um discurso direto originário, que não faz senão recolocar em cena os agenciamentos coletivos de enunciação. “Mon discours direct est encore le discours indirect libre qui me traverse de part en part, et qui vient d’autres mondes et d’autres planètes” (Deleuze e Guattari, 1980).

É neste sentido que compreendo a lição deixada por Guattari em “Micro-política do fascismo”: a única “porta de saída” está no revezamento de um discurso por todos aqueles que puderem lhe servir como força de alteridade. “Um enunciado individual só tem alcance na medida em que pode entrar em conjunção com agenciamentos coletivos já funcionando efetivamente...” (Guattari, 1981). Uma saída, pois, que não se encontra “atrás da porta”.

Notas

1. Trata-se de parte das cenas VII e VIII de *La cantatrice chauve*, de Eugène Ionesco, em que participam cinco personagens: dois casais (M. e Madame Smith, M. e Madame Martin) e o Capitão dos Bombeiros. A peça foi encenada pela primeira vez em maio de 1950.
2. Grifos meus, objetivando destacar os elementos mais relevantes para o que exponho adiante.

Referências bibliográficas

- DELEUZE, Gilles (1987). *Proust e os signos*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária.
- e GUATTARI, Félix (1977). *Kafka por uma literatura menor*. Rio de Janeiro, Imago.
- (1980). Postulats de la linguistique. In: *Mille plateaux*. Paris, Minuit.
- GUATTARI, Félix (1985). *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo, Brasiliense.
- (1993). Guattari na PUC. *Cadernos de Subjetividade*. 1(1): 9-28.
- IONESCO, E. (1954). *La cantatrice chauve*. Paris, Gallimard.